

“ANTES QUE SEJA TARDE”



**Ciclo de Debates
Na era da crise ambiental mundial**

Textos, Entrevistas e Algumas notas afítas.



APRESENTAÇÃO

Face à crise climática que põe em risco a sobrevivência humana, aniquilando a biodiversidade e destruindo o planeta, restam poucas esperanças no horizonte. A depender da lógica do modelo socioeconômico, movido a carvão, gás e petróleo, as condições de vida desaparecerão em extensas áreas do planeta em algumas décadas.

Milhares, senão milhões de seres humanos perecerão se nada for feito agora.

Já no início do século passado, interpretações resignadas não viam alternativas. Cunhou-se então a expressão Jaula de Aço, para referir-se ao aprisionamento da civilização industrial à lógica da acumulação do capital. Para esta corrente não há escapatória: nossa civilização industrial, com toda a sua parafernália tecnológica e burocrática, tende, de crise em crise, à eterna deriva.

Por sua vez, no pensamento marxista, corrente que nos deixou a mais radical crítica à economia política, a ideia de progresso acabou se infiltrando, convertendo-se no altar de sacrifício dos povos tradicionais. Assim como o artesanato cedeu à grande indústria, as comunidades originárias estariam predestinadas a desaparecer diante do progresso. Como se lê naquele ousado Manifesto, “tudo que é sólido desmancha no ar”.

O primeiro Ciclo de Debates da UNILA sobre a COP30 deixou uma mensagem de esperança. Frágil, por certo, como costumam ser as esperanças ao nascerem.

Não faltam sinais de alertas sobre a gravidade da crise segundo nossos convidados. “Cuidemos uns dos outros”, disse o primeiro. “Plantemos uma árvore”, acrescentou o segundo. “Freemos essa marcha insana”, concluiu o terceiro. São imperativos éticos que estão a exigir uma mudança de mentalidade. Do contrário, a máquina do mundo não resistirá. Os indícios do Antropoceno estão aí para quem quer enxergar.

Decorridas três décadas de Conferências da ONU, nem os governos nem a ciência aportaram soluções efetivas para o aquecimento global. A Casa Comum permanece sendo tratada como depósito de lixo do capitalismo industrial. A Mãe Terra está agonizando.

Escutemos os povos ancestrais, as mulheres indígenas - guardiãs das florestas, das águas, dos territórios - os amazônidas, as comunidades ribeirinhas, os quilombolas, os pescadores tradicionais, a agricultura familiar e tantos outros segmentos da sociedade civil mundial que estarão na COP dos Povos.

O governo brasileiro, ao mesmo tempo em que se empenha em conter as mudanças climáticas, promover a transição energética e combater os desmatamentos criminosos, implementa políticas contraditórias de apoio ao agronegócio, incentivos à mineração e exploração do petróleo em áreas de impactos ambientais.

Este terceiro número dos Cadernos divulga, além da urgente Carta dos Povos, algumas Notas Aflitas sobre os sinais da crise climática e, para finalizar, recomenda a série de reportagens sobre grandes obras na Amazônia. Boa leitura. Antes que seja tarde.

A EQUIPE ORGANIZADORA

ANTES QUE SEJA TARDE MANIFESTO DA CÚPULA DOS POVOS

Introdução

Desde 1992, a Cúpula dos Povos se ergue como um grito de resistência, um eco das vozes silenciadas pela desigualdade. Neste espaço de luta e esperança, comunidades indígenas, tradicionais e periféricas – aquelas que menos contribuíram para a crise climática, mas que mais sofrem com seus impactos – encontram a oportunidade de serem ouvidas. Enquanto as COPs oficiais seguem negociando números e metas, a Cúpula fala de vidas, direitos e territórios. Aqui, construímos um futuro enraizado na justiça social e ambiental, provando que nossa luta é tão necessária quanto urgente.

Manifesto da Cúpula dos Povos

Movimentos sociais e populares, coalizões, coletivos, redes e organizações da sociedade civil do Brasil vem, desde agosto de 2023, construindo um processo de convergência entre organizações e movimentos de mulheres, sindicais, indígenas, agricultores/as familiares e camponeses, quilombolas, de povos e comunidades tradicionais, de povos tradicionais de matriz africana, negras e negros, juventudes, inter-religiosos, ambientalistas, trabalhadores/as, midialivristas, culturais, estudantes, de favelas e periferias, LGBTQIAPN+, de pessoas com deficiência, de direitos humanos, de defesa da infância, adolescência e intergeracional, das cidades, do campo, das florestas e das águas, rumo a realização da Cúpula dos Povos como espaço autônomo à COP 30 da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC), na Amazônia.

Nosso objetivo é fortalecer a construção popular e convergir pautas de unidade das agendas: socioambiental, antipatriarcal, anticapitalista, anticolonialista, antirracista e de direitos, respeitando suas diversidades e especificidades, unidos por um futuro de bem-viver. No contexto atual, mais do que nunca, precisamos avançar em espaços coletivos que defendam a democracia e a solidariedade internacional, enfrentem a extrema direita, o fascismo, os fundamentalismos, as guerras, a financeirização da natureza e a crise do clima.

O clima extremo, as secas, as cheias, os deslizamentos de terras e as falsas soluções climáticas servem como instrumento de aprofundamento da desigualdade e das injustiças ambientais e climáticas, principalmente nos territórios, e atingem de forma cruel aqueles e aquelas que menos contribuíram para a crise climática, ecológica e civilizatória.

A insuficiência de medidas para conter tais crises é alarmante. Países e tomadores de decisão têm se omitido ou apresentado soluções absolutamente ineficientes colocando em risco a meta de 1,5º do Acordo de Paris. Investimentos que alimentam as mudanças climáticas têm crescido nos últimos anos e políticas de proteção aos povos indígenas, populações tradicionais têm sido desmanteladas e suas lideranças, ameaçadas e assassinadas.

Soluções reais são urgentes e a sociedade civil de todo mundo deve ser protagonista em todos os espaços de debate desta agenda. A COP 30 precisa representar um ponto de virada neste cenário, e endereçar as ações necessárias para o enfrentamento da crise climática.

É preciso rever o modelo econômico vigente e eliminar a produção e queima de combustíveis fósseis, responsável por mais de $\frac{2}{3}$ das emissões que provocam o aquecimento global, bem como implementar políticas para o desmatamento zero. Urge acordos internacionais por uma transição energética justa, a começar pelos mais ricos, além da responsabilização dos impactos causados pelas corporações transnacionais do agronegócio, da mineração, do setor energético, imobiliário e de infraestrutura, que hoje significam ameaça às populações locais.

É urgente que se intensifique a luta contra o crime organizado, grupos paramilitares e mercadores de carbono, que vem se instalando de forma crescente em diversos territórios. Que combatá as ameaças e ofereça proteção e garantia de direitos aos defensores ambientais e de direitos humanos, com atenção à ratificação do Acordo de Escazú e outros de suma importância.

É fundamental que ocorra

- uma transição justa, popular e inclusiva;
- o direito à terra e território por meio da reforma urbana, agrária e fundiária;
- a demarcação, titulação e regularização dos territórios indígenas, quilombolas, pesqueiros e tradicionais;
- o estabelecimento de sistemas alimentares onde a soberania alimentar seja o foco, com fomento à agroecologia, à valorização da produção familiar, camponesa e da pesca artesanal, da economia indígena, solidária e feminista;
- o reconhecimento da natureza como sujeito de direitos;
- a proteção das áreas oceânicas, de terras raras e maretórios;
- a proteção da biodiversidade;

- a geração de trabalho decente, emprego e renda e de políticas de cuidado;
- a consolidação do direito à cidade com políticas urbanas como políticas ambientais;
- a implementação de políticas específicas para atingidos climáticos;
- de acesso a água potável e saneamento básico;
- de prevenção e adaptação climática, em especial nas periferias urbanas e nos territórios indígenas e tradicionais;
- a erradicação do racismo ambiental e estrutural, e da violência contra as mulheres e meninas, diferentes culturas e visões de mundo;
- promoção da comunicação livre e da diversidade cultural;
- políticas para a juventude negra viva;
- e medidas de reparação e democratização do financiamento climático justo, fora do mercado de carbono e de endividamento, com estruturação de fundos e governança pelas comunidades.

Demandamos que o governo brasileiro exerça papel de liderança na agenda socioambiental adotando essas políticas, indispensáveis para o avanço da justiça climática, a partir do Sul Global.

Porém, nada disso irá ocorrer sem uma ampla pressão e participação efetiva da sociedade civil.

Convocamos as organizações, redes, coletivos e movimentos sociais dos mais diversos segmentos para construir a Cúpula dos Povos rumo à COP 30, que seja capaz de mobilizar a opinião pública, fortalecer a democracia participativa e popular, denunciar e barrar retrocessos, bem como pressionar tomadores de decisões no Brasil e no mundo.

AS DEMANDAS QUE APRESENTAMOS SÃO CLARAS



Queremos justiça climática global



Queremos proteção dos direitos humanos



Queremos uma transição energética que não penalize os mais vulneráveis

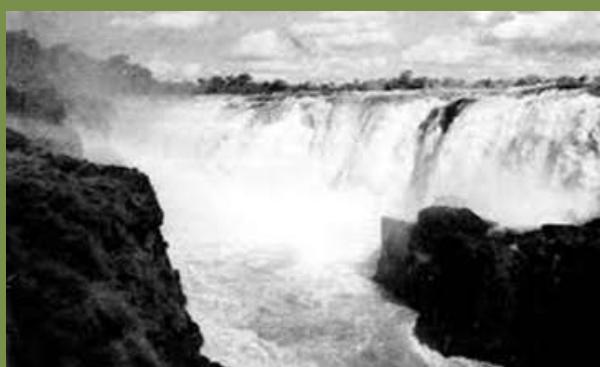


Queremos a valorização da agroecologia como alternativa viável



FONTE: <https://cupuladospovoscop30.org/>

SETE QUEDAS



O ruído das águas podia ser ouvido a quilômetros de distância. Eram 19 saltos, agrupados nas sete quedas principais, com uma vazão duas vezes superior às cataratas do Niágara. Com a formação do lago de Itaipu, as águas assassinadas se calaram. Foram silenciadas pelo progresso. Para além do desaparecimento da beleza natural, a profanação ambiental praticada em nome do desenvolvimento econômico impactou a sobrevivência de milhares de seres humanos, de animais e de espécies vegetais, “golpeando a vida que nunca mais renascerá”.

Do Salto das Sete Quedas restou este lamento distante de Carlos Drummond de Andrade, em versos escritos nas páginas do Jornal “O Globo”, quando se anunciou o fechamento das comportas para a formação do lago da hidrelétrica de Itaipu. Em 27 de outubro de 1982, há exatos 43 anos, as Setes Quedas sumiram no ar. Que seus fantasmas assombrem os que não a souberam amar.

ADEUS A SETE QUEDAS

Carlos Drummond de Andrade

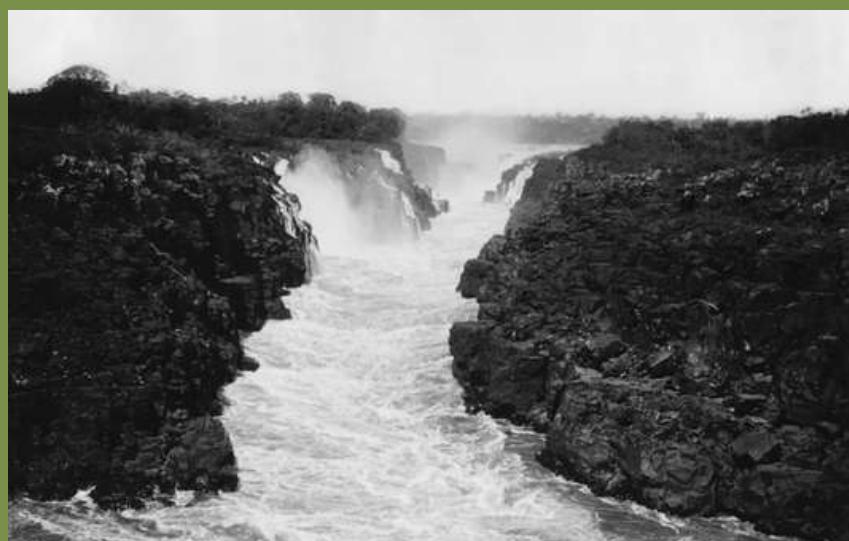


Sete quedas por mim passaram,
E todas sete se esvaíram.
Cessa o estrondo das cachoeiras, e com ele
A memória dos índios, pulverizada,
Já não desperta o mínimo arrepião.
Aos mortos espanhóis, aos mortos bandeirantes,
Aos apagados fogos
De Ciudad real de Guaira vão juntar-se
Os sete fantasmas das águas assassinadas
Por mão do homem, dono do planeta.

Aqui outrora retumbaram vozes
Da natureza imaginosa, fértil
Em teatrais encenações de sonhos
Aos homens ofertadas sem contrato.
Uma beleza-em-si, fantástico desenho
Corporizado em cachões e bulhões de aéreo contorno
Mostrava-se, despia-se, doava-se
Em livre coito à humana vista extasiada.
Toda a arquitetura, toda a engenharia
De remotos egípcios e assírios
Em vão ousaria criar tal monumento.

E desfaz-se
Por ingrata intervenção de tecnocratas.
Aqui sete visões, sete esculturas
De líquido perfil
Dissolvem-se entre cálculos computadorizados
De um país que vai deixando de ser humano
Para tornar-se empresa gélida, mais nada.

Faz-se do movimento uma represa,
Da agitação faz-se um silêncio
Empresarial, de hidrelétrico projeto.
Vamos oferecer todo o conforto
Que luz e força tarifadas geram
À custa de outro bem que não tem preço
Nem resgate, empobrecendo a vida
Na feroz ilusão de enriquecê-la.
Sete boiadas de água, sete touros brancos,
De bilhões de touros brancos integrados,
Afundam-se em lagoa, e no vazio
Que forma alguma ocupará, que resta
Senão da natureza a dor sem gesto,
A calada censura
E a maldição que o tempo irá trazendo?



Vinde povos estranhos, vinde irmãos
Brasileiros de todos os semblantes,
 Vinde ver e guardar
 Não mais a obra de arte natural
Hoje cartão-postal a cores, melancólico,
 Mas seu espectro ainda rorejante
De irisadas pérolas de espuma e raiva,
 Passando, circunvoando,
 Entre pontes pênseis destruídas
 E o inútil pranto das coisas,
 Sem acordar nenhum remorso,
Nenhuma culpa ardente e confessada.
 ("Assumimos a responsabilidade!
Estamos construindo o Brasil Grande!")
 E patati patati patatá...

Sete quedas por nós passaram,
E não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
 E todas sete foram mortas,
 E todas sete somem no ar,
Sete fantasmas, sete crimes
 Dos vivos golpeando a vida
 Que nunca mais renascerá

CARAVANA UNILEIRA

Em outubro de 2025 completam-se 43 anos do desaparecimento de Sete Quedas - acontecimento traumático para brasileiros e paraguaios. A poucas semanas da Abertura da COP30, recordar Sete Quedas, que nunca mais renascerá, é um sinal de alerta às novas gerações para que crimes ambientais como este não se repitam jamais.

Plantaremos uma árvore em local público da cidade de Guaíra, conforme fizemos no Centenário da Coluna Prestes em Foz do Iguaçu. O Resedá Branco se converteu num símbolo do nosso grupo **Memória, Resistência e Verdade**, na foto com o companheiro João Pedro Stédile, quando ele visitou a UNILA em maio passado.



Informações: caravanaunileira@gmail.com

CAVALO CARAMELO



As enchentes no Rio Grande do Sul, provocadas por chuvas intensas entre abril e maio de 2024, afetaram cerca de 2,5 milhões de pessoas, causando um prejuízo de aproximadamente 40 bilhões de reais. Centenas de milhares de pessoas ficaram desalojadas e desabrigadas. Dados oficiais apontam 183 mortos, além de centenas de feridos e dezenas de desaparecidos. Em meio à tragédia, o Brasil e o mundo precisam escolher entre continuar na rota da destruição ou garantir um futuro para todos os seres vivos.

Com seu exemplo solitário diante do desastre, o cavalo Caramelo converteu-se em símbolo de resistência. Sua imagem firme sobre o telhado, ilhado por quatro dias até ser resgatado, traduziu em um corpo animal a dimensão humana da tragédia climática. A poucos dias da COP30, em Belém, esse símbolo deve servir de alerta. O encontro internacional sobre clima na Amazônia será espaço para cobrar compromissos efetivos contra o desmatamento, a dependência de combustíveis fósseis e a negligência com populações vulneráveis ou tenderá à irrelevância como outros.

TOYOTA. PRECISA DESENHAR?



Do cavalo caramelão à fábrica de motores Toyota. Eventos extremos não discriminam ninguém. A Fábrica de Motores da Toyota, de Porto Feliz, no interior de São Paulo, foi devastada por um temporal com fortes ventos que destruiu completamente a estrutura de ferro da unidade industrial (22/09). Além de prejuízos materiais, a produção foi suspensa e centenas de trabalhadores encontram-se em férias coletivas. Em consequência, as demais unidades da montadora pararam as máquinas no Brasil, e somente retomarão a produção em 2026. Sinais dos tempos. Ou melhor, dos maus tempos causados pelo aquecimento global. Conforme assistimos perplexos, eventos extremos se tornaram o novo normal. Neste caso, a ironia consiste em ter causado a paralisação de um dos setores fundamentais da economia do petróleo - o automobilístico. Tremenda irracionalidade, típica do sistema em que vivemos. Precisa desenhar?

GRANDES OBRAS NA AMAZÔNIA



Linha sobre terra indígena



Derrocamento por meio de explosões do leito do Rio Tocantins



Ferrogrão invade Parque Nacional do Jamanxim (PA)

Com o apoio da Rainforest Foundation Norway, o jornal Folha de São Paulo tem publicado uma série de reportagens sobre as grandes obras na Amazônia. De autoria de Vinicius Sassine e Lalo de Almeida, as matérias são inquietantes. Novo fora o conhecido viés neoliberal e antipetista do jornal, a realidade mostrada é pra lá de crítica. Os cinco capítulos já publicados retratam “A Ferrogrão”, “O Linhão”, “O Potássio”, “A Hidrovia” e “A BR 319”.



BR 319. Porto Velho - Manaus



Minas de potássio em Autazes - Pará

ADEUS, KONGJIAN YU

Entre Tuiuiús, Curicacas e Araras Azuis, tua
lembraça permanecerá no Pantanal,
território que você admirava e chamou de o
último Édem da nossa era.

Que o doloroso simbolismo da tua morte e
de seus companheiros cineastas, a poucos
dias da Abertura da COP30, sirva de alerta
para os cuidados necessários com a Casa
Comum.



Arquiteto chinês, criador do conceito e do método de
construção de "cidades-esponjas", morto em acidente
aéreo no Pantanal juntamente com os cineastas Luiz
Fernando Feres da Cunha Ferraz e Rubens Crispim Jr.
e o piloto Marcelo Pereira de Barros (1963 - 2025).

“ANTES QUE SEJA TARDE”

Caderno do Ciclo de Debates
Na era da crise ambiental mundial

Textos, Entrevistas e Algumas notas aflitas

UNILA - PROEX
Setembro de 2025

EQUIPE

Ana Carolina Fiori - antropologia
Bernardo Salgado Araújo - ciência política e sociologia
Danielle Moura de Araújo - professora de antropologia
Henrique Leal Buriti - ciência política e sociologia
Ignacia Monserratt Ramos- antropologia
Renato Martins - professor de ciência política e sociologia
Lohana Lisboa - ciência política e sociologia
Micaeli de Souza Etiene - ciência política e sociologia
Shary Cristina S. Medina - ciência política e sociologia
Tabatha Nadiesda - antropologia
Tarsila de Brito Soares - ciência política e sociologia
Thalissa Moura - ciência política e sociologia
Valentina Gonzalez Roncancio - antropologia
Vinícius de Oliveira Alves - ciência política e sociologia

Edição e arte gráfica deste número
Tabatha Nadiesda